

Design contemporâneo e feminismo: Novos Caminhos

Actas de Diseño (2021, julio),
Vol. 37, pp. 351-355. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2020
Fecha de aceptación: febrero 2021
Versión final: diciembre 2021

Raquel Bosso Romano e Mônica Cristina de Moura (*)

Resumo: O design contemporâneo dialoga com temáticas emergentes que ganham relevância na nossa sociedade, incorporando atitudes políticas e sociais. Sendo o feminismo uma dessas temáticas. Quanto ao debate e reflexão de pautas feministas na área, percebe-se que a teoria até o momento se ateve em alguns pontos que apresentam lacunas, evidenciando a necessidade de novos enfoques nessa discussão. Dessa forma, o artigo apresenta a revisão da literatura existente sobre design e feminismo. Bem como recomendações de novos enfoques, sendo um deles a educação em design.

Palavras chave: Design - Design Contemporâneo - Feminismo - Protagonismo Feminino - Ensino em Design.

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 354]

Introdução

O design na contemporaneidade se associa e dialoga com outros campos de conhecimento e temáticas emergentes, por meio da interdisciplinaridade e com foco na cultura, procura conscientizar os profissionais a fim de atuar com soluções para problemáticas sociais. Assim, incluindo as relações e possibilidades de atuação como o design e feminismo. Isso, porque o design, bem como outras áreas de produção criativa e de conhecimento, não atribuiu à importância e valorização devida ao papel e ações das profissionais mulheres. Esse fato pode ser notado na narrativa principal da história do design, na qual são ínfimas as citações femininas. Nas poucas referências existentes as profissionais aparecem comumente definidas pelo seu gênero e subjugadas sob o nome do marido, amante, pai, irmão, professor, reafirmando as relações de poder instituídas por uma lógica machista dominante. Também observamos a atuação feminina recebendo mais destaque nos segmentos de design que são considerados e reconhecidos pela maioria, como áreas mais ‘femininas’, ‘delicadas’ e que estão inseridas e, aceitas, no contexto do universo doméstico, tais como a área têxtil, moda, superfície, interiores.

No que se refere ao debate e reflexão de pautas feministas, a teoria do design até o momento preocupou-se, principalmente, em destacar em sua história mulheres que trouxeram contribuições para o design e que foram relegadas ao segundo plano. Similarmente, ocorreram tentativas de consolidar o espaço da mulher no design com a justificativa de que só mulheres conseguiriam projetar para o público feminino. Todavia, na atualidade essas abordagens tem se mostrado ineficientes, evidenciando a necessidade de novos enfoques nessa discussão. Dessa forma, este artigo pretende apresentar alguns pontos da literatura existente sobre design e feminismo e indicar a inevitabilidade de novos enfoques, sendo uma dessas perspectivas, o ensino em design.

Design contemporâneo: responsabilidade social

Como são expostos nossos hábitos, costumes, estilo de vida e a nossa cultura? Os autores Gustavo Bomfim (1999) e Mônica Moura (2010) concordam que o design contemporâneo evidencia a história do cotidiano de uma sociedade, bem como suas contradições. De forma análoga, Bomfim (1997) realça que o design traduz ideologias e valores, podendo reproduzir ou denunciar as realidades por meio dos objetos, sistemas, espaços e estratégias que configura. Logo, o profissional deve estar atento às problemáticas que estão enquadradas na sociedade a fim de não reproduzi-las em seus trabalhos. Para isso, se torna necessária a conscientização dos profissionais. Dessa forma, o design tem potencial de operar com soluções para as problemáticas sociais.

Contudo, Katherine Mccoy (2018) registra que estamos vivendo um período de carência desses valores motivadores que criem um senso comum de propósito em nossa sociedade. Ademais, os autores Sylvia e Victor Margolin (2006) expressam também que para o designer gerar cenários de mudança social é preciso desenvolver um conjunto de valores de referência que os direcione no modo como gostariam que o mundo fosse. Igualmente, sucede a necessidade de o profissional se reconhecer como cidadão. Katherine Mccoy (2018) completa sustentando que os designers devem libertar-se desse ideal de profissional obediente, neutro e imparcial. Pois essa mentalidade distancia-nos de valores éticos e políticos. Para a autora, não tem como negar que todas as soluções propostas pelo designer possuem um viés, afirmando que a atuação na área não é um processo neutro e livre de valores. Dessa forma, define o design como “uma ferramenta poderosa, capaz de informar, divulgar e propagandear mensagens sociais, ambientais e políticas assim como comerciais” (MCCOY, 2018, p.194).

Sendo assim, o designer deve criar estratégias para uma prática ética, mantendo-se informado e preparado para voltar às ferramentas profissionais em direção a novas necessidades. Além disso, a educação da área deve agir a fim de desenvolver e elucidar os valores pessoais dos alunos, oferecendo ferramentas para reconhecer quando agir sobre eles (MCCOY, 2018). Essas práticas contribuem para a conscientização do design com propósito de agir em benefício da sociedade, atuando com soluções para as problemáticas sociais. Assim, Moura (2018) afirma que o design com responsabilidade social é um território a ser explorado.

Sobre o debate do design com responsabilidade social na área, Rachel Cooper (2005) explana que, em termos históricos, o tema foi frequentemente abordado sob vários enfoques. Nos anos 60, começaram a emergir diversas abordagens como o design verde, design responsável, consumo ético, eco design, sustentabilidade e design feminista. Nos anos 70, uma abordagem mais solidária tomou conta, assim como o desencorajamento do 'design para o lucro', comandada por Victor Papanek. Nos anos 80 e 90 as questões relacionadas ao lucro, à ética, e questões de mercado como o 'consumidor verde' e o 'investimento ético' estiveram em foco. Acessibilidade e inclusão também têm sido áreas notadas com grande interesse pelo design.

Simultaneamente a esse pensamento, observamos o design contemporâneo estabelecendo diálogos com outras áreas do conhecimento. Conforme os Margolin (2014), a interdisciplinaridade da área é ferramenta fundamental para o ensino das necessidades sociais. Nesse ponto os autores concordam que a educação em design não treina especificamente designers sociais, sendo necessário o embasamento em outras disciplinas como sociologia e em políticas públicas. Mônica Moura (2018) alega que essa inter-relação pode ser notada no design contemporâneo. Pois, além da área se relacionar com outros campos de conhecimento, como as ciências humanas e sociais, também se associa com temas emergentes na sociedade. Ocasionalmente relações e possibilidades de atuação com questões que envolvem o design e a política, design e feminismo e o design e ativismo.

Com base nesses novos campos constituídos no design, podemos pensar quais problemas sociais somos capazes de assumir como profissionais. Nesse artigo, pretendo apresentar alguns pontos identificados por estudiosas feministas do design. A fim de não somente, estabelecer um diálogo com a problemática da desigualdade de gênero e das pautas feministas, como também de constituir novos caminhos. Percebe-se que Rachel Cooper (2005) cita o design feminista como pauta desde a década de 60. Além disso, a desigualdade de gêneros está presente nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (Organização Nações Unidas), para a organização a conquista de igualdade não é somente um direito humano essencial, mas também a base para um mundo mais pacífico, próspero e sustentável. Assim, a temática pode se comunicar com o design contemporâneo, pois o mesmo abre portas para esse diálogo e simultaneamente está atento às obscuridades da vida contemporânea propondo outras formas de se posicionar incorporando novas e outras atitudes políticas e sociais.

Literatura feminista no design contemporâneo

No que concerne a reflexão feminista e de gênero no design, Cheryl Buckley (1986), Giselle Safar e Marcelina Almeida (2014) consentem que questionamentos com essa temática são recentes. Apesar disso, Griselda Pollock (1982) afirma que a abordagem feminista não deve ser uma questão secundária, muito menos uma nova perspectiva. Ao contrário, deve ser uma preocupação central da história do design contemporâneo. Assim, Pinar Kaygan (2016) afirma que a literatura existente sobre design e feminismo pode ser dividida em duas vertentes principais, ocorrendo na primeira à preocupação em descobrir as mulheres 'excepcionais' e suas contribuições para a área que não receberam o devido reconhecimento por parte da história do design. A segunda vertente defende que as profissionais designers possuem uma perspectiva única que lhes permitiria satisfazer as necessidades e expectativas das mulheres como usuárias.

No entanto, essas abordagens podem ser insuficientes por alguns motivos. Conforme Pinar Kaygan (2016) documentar apenas as contribuições de mulheres bem-sucedidas não é uma estratégia feminista eficaz, pois a experiência de mulheres designers que foram desencorajadas a seguir carreiras de domínio masculino ou que por outros motivos não se destacaram na profissão também são frutíferas e podem trazer uma perspectiva crítica para a pesquisa existente sobre mulheres na área do design.

A segunda vertente desse debate, de acordo com Pinar Kaygan (2016), argumenta sobre as mulheres projetarem de forma distinta dos homens e, portanto possibilitarem uma perspectiva única ao design que representaria melhor as mulheres usuárias. Esse entendimento é problemático e pode validar o confinamento de profissionais designers em determinadas áreas, como veremos nos exemplos a seguir. Do mesmo modo, é importante compreender a complexidade do indivíduo, esses que possuem histórias e necessidades que divergem com base em sua etnia, nacionalidade, classe social, idade ou orientação sexual. Assim, supor que as designers poderiam oferecer melhores soluções para as necessidades da mulher pode ser um 'otimismo ingênuo'. A autora destaca que é necessário introduzir metodologias no design que incentivem práticas sensíveis ao gênero para que ocorra uma análise mais realista das expectativas das usuárias, independente do gênero do designer. Salientando a observação de Giselle Safar e Marcelina Almeida (2014), no que diz respeito ao despreparo dos designers em compreender os códigos culturais estabelecidos entre os gêneros, limitando-se a reproduzir e criar com base em estereótipos culturais.

Nos próximos tópicos trarei exemplos divulgados pela literatura feminista da área que demonstram esses pontos desenvolvidos pelas estudiosas até o momento.

Silêncio sobre as mulheres na história do design

Consoante com Ana Beatriz Andrade e Ana Maria Rebello (2008) até a década de 60, quando o movimento feminista impulsionou os estudos de gênero, eram ínfimas as referências femininas na história do design. Ocorrendo

a partir dos anos 90, com o design contemporâneo, o aumento da demanda por posicionamento crítico da historiografia da área. Dessa forma, decorrem estudos de gênero em design voltados a busca de registros históricos das mulheres designers e suas contribuições.

Sobre isso, Cheryl Buckley (1986) mostra que as mulheres se envolveram com o design de várias maneiras, como profissionais, teóricas, consumidoras e historiadoras. No entanto, a literatura sobre a história, teoria e prática do design nos leva a acreditar o contrário. Segundo a autora essas omissões não são acidentais, mas consequência direta de métodos historiográficos específicos. De certo os métodos utilizados pelos historiadores para contar a história do design são tendenciosos e excluem as mulheres. As poucas mulheres que aparecem são definidas pelo seu gênero, subjugadas sob o nome do marido, amante, pai ou irmão. Como exemplo podemos citar o caso de Ray Eames, esposa do famoso designer Charles Eames (ela, na maioria das vezes é citada como a esposa e não pelos seus atributos profissionais) e de Lilly Reich, designer da maior parte dos móveis atribuídos a Mies Van der Rohe.

Outros casos são discutidos por Pat Kirkham (2000) no texto *Women Designers in the USA, 1900-2000*, em que a autora descreve a história da participação feminina nos Estados Unidos nos setores de mobiliário, vidro e design de produtos ao longo do século, com ênfase na educação, formação e entrada de mulheres na área. A autora alega que essas profissionais estão unidas por integrarem um grupo de minoria em um campo dominado por homens. Kirkham (2000) aborda diversas dificuldades vivenciadas pelas mulheres ocultadas na história do design no ambiente profissional, como a necessidade de escolher entre a responsabilidade familiar ou a vida profissional em alguma etapa da vida, a parceria esposa-marido como uma forma de alcançar o sucesso comercial na companhia de um homem, a auto desvalorização das profissionais diante de seu trabalho e a sensação de conflito constante por estarem introduzidas em um ambiente predominantemente masculino. Vale destacar que, entre as mulheres discutidas pela autora, revela-se apenas uma mulher negra, Carole Bilson. Essa constatação fez emergir questionamentos a respeito das desigualdades raciais da área.

Perspectiva Única das Mulheres

Como citado anteriormente por Pinar Kaygan (2016) a segunda vertente da abordagem feminista é baseada na ideia de que as mulheres são fundamentalmente diferentes dos homens e com isso projetariam de forma distinta. Assim, representando melhor as mulheres como usuárias. Essa visão também recebeu apoio da indústria e motivou várias empresas de manufatura a empregar mulheres designers posicionando-as em equipes somente para mulheres.

A fim de exemplificar o apoio da indústria a essa perspectiva Kirkham (2000) e Kaygan (2016) relatam o caso da *Damsels of Design* (Donzelas do Design), um grupo de profissionais contratadas pela General Motors, na década de 50, para compor uma equipe que traria

uma perspectiva feminina aos automóveis, com soluções atraentes para as motoristas. Porém, as Donzelas do Design eram autorizadas a tomar decisões apenas sobre a cor, textura e têxteis usados no interior dos veículos. Kirkham (2000) explicita a uma sensação comum entre as profissionais, declarada por Suzanne Vanderbilt (1933 – 1988) uma das ‘Donzelas’. Isso, porque elas raramente eram identificadas como designers e sim como ‘*les femmes*’ (as mulheres).

Discussão

Com base nas abordagens teóricas feministas do design até o momento, Pinar Kaygan (2016), sugere a necessidade de mudarmos o foco para as metodologias de design. Buscando métodos que incentivem práticas de design sensíveis ao gênero, distanciando-se dos meios que fortalecem as concepções estereotipadas dos gêneros. Nesse sentido, Cheryl Buckley (1986) e Margaret Bruce (1990) assentem a inevitabilidade de que instituições da área tenham mais consciência sobre as questões sociais e desafiem as percepções e estereótipos de gênero sobre os papéis das mulheres. Afirmando que os seus projetos devem refletir seus valores.

Consoante com as dificuldades e desigualdades estudadas, vivenciamos a importância de discutirmos novos caminhos para essa discussão. Isso, pois as divisões do privado/público e industrial/doméstico persistem na atualidade, limitando mulheres que seguem a carreira de design a aparecerem com maior frequência em áreas decorativas, têxteis, de joalheria, e que são vistas como a extensão do papel tradicional da mulher na esfera privada e doméstica. Ademais, o público feminino ainda enfrenta impedimentos no alcance de visibilidade em cargos de liderança na área. Além disso, na prática do design notamos, muitas vezes, o despreparo do profissional (independente do gênero) em compreender os códigos estabelecidos entre os gêneros, sucedendo a limitação em reproduzi-los.

Assim, uma nova perspectiva com relação às questões de gênero no design, pode emergir de novas metodologias inseridas na educação da área. Isso, pois Katherine McCoy (2018) afirma o papel primordial da educação em design como forma de elucidar esses valores nos alunos. Coloca que esses questionamentos devem ser levantados desde o início para os estudantes. Sendo necessário pensar no tipo de conteúdo, apresentar projetos que lidem com questões sociais, políticas e econômicas. Contrariando o papel do design passivo e formando cidadãos ativos, informados e com voz ativa em sua comunidade, contribuindo para um mundo mais equitativo.

Considerações Finais

A fim de concluir este artigo, retorno a questão inicial do texto com um novo olhar: quais são os valores que queremos transmitir enquanto designers? Nessa fase expus como as desigualdades de gênero vivenciadas pelas mulheres no design avançaram na teoria da área. Concebendo um novo caminho que este debate pode percorrer que se encontra em nível educacional.

Precisamos ir além da investigação de mulheres que foram ocultadas pela seleção dos historiadores. Nesse momento, ocorre a necessidade de, por meio desses debates, propor soluções para que os novos profissionais passem também a atuar a fim de não repetir os mesmos erros. Como vimos, a educação na área pode ser parte da resposta. Ao expormos os alunos à interdisciplinaridade e ao conteúdo que aborde questões sociais, políticas e econômicas estaremos desenvolvendo os valores motivadores e criando um senso comum de propósito em nossa comunidade. Esse pode ser um caminho para desenvolver profissionais mais sensíveis às pautas feministas, também ao estudo do design aplicado ao gênero, buscando compreender como a área pode atuar criando novos códigos e símbolos que despertem outras possibilidades de interpretação e não reproduzam os antigos estereótipos, tanto na história da área como em sua atuação.

O espaço de ensino-aprendizagem pode proporcionar e valorizar as mulheres da área por meio da produção do reconhecimento da contribuição feminina no design, bem como o estímulo a reflexões sobre o estado da profissão com relação às profissionais mulheres. Expor e valorizar o trabalho feminino no design durante a prática de ensino pode contribuir para a autoconfiança das jovens profissionais. Mas também, devemos elucidar a prática do designer cidadão, que procura permanecer informado e ativo na sociedade, deixando de lado a figura do profissional apolítico para um que está preocupado em denunciar as formas de exclusão e a não perpetuar com desigualdades e contradições de nossa sociedade. Todavia, esse é um debate extenso e essas são algumas considerações sobre o tema e a possibilidade de novos focos.

Referências

- Andrade, A. B. P.; Rebello, A. M. (2008). A invisibilidade feminina no design: da Bauhaus ao Brasil. In: Tercer Encuentro Latinoamericano de Diseño. Conferência da Universidade de Palermo, Buenos Aires, Argentina.
- Bomfim, G. (1999) Algumas Considerações Sobre Teoria e Pedagogia do Design. In: Estudos em Design, n.2, v.7, RJ, 2AB, p. 23-39.
- Bomfim, G. (1997) Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação. Estudos em Design - Design Articles. v.v, n.2, p. 27-41.
- Bruce, M.(1990). Women designers is there a gender trap? Design Studies, v. 11, n.2, p. 114-120.
- Buckley, C. (1986) Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design. Design Issues, v. 3, n. 2, p.3-14.
- Cooper, R. (2005). Design e Responsabilidade Social: entrevista exclusiva com Rachel Cooper, por Maria Cecília Loschiavo dos Santos. In: Revista Design em Foco, v. II n.2, jul/Dez 2005. Salvador: EDUNEB, p. 79-85.
- Kaygan, P. (2016). Gender, Technology, and the Designer's Work: A Feminist Review, Design and Culture, p. 235-252.
- Kirkham, P. (2000). Women Designers in the USA, 1900-2000. New Haven and London: Yale University Press, p.269 – 290. Disponível em: <https://www.bgc.bard.edu/gallery/exhibitions/51/women-designers-in-the-usa>.
- Margolin, V. (2006) O designer cidadão. Revista Design em Foco, vol. III. N. 2, junho – dezembro, pp. 145 – 150.
- Margolin, V.; Margolin, S. (2004). Um Modelo Social de Design: questões de prática e pesquisa Revista Design em Foco, vol. I, núm. 1, julho-dezembro, pp. 43-48.
- Mccoy, K. (2018) Good citizenship – design as a social and political force. HELLER, Steven; VIENNE, Véronique (Eds.). Citizen Designer: perspectives on design responsibility. 2. ed. New York: Allworth Press, p. 188-195.
- Moura, M. (2018). Design para o sensível: política e ação social na contemporaneidade. Revista de Ensino em Artes, Moda e Design. Florianópolis, Ano 1, N. 3, p. 44-67.
- Moura, M. (2010) Poéticas do Design Contemporâneo: a reinvenção do objeto. Anais do III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Universidade Federal de Goiânia. Agosto, 2010. Goiânia: Editora da UFG.
- Safar, G.; Almeida, M.G. (2014). Protagonismo feminino no design – um resgate histórico em andamento. In: DE MORAES, D.; DIAS, R. A.; BOM CONSELHO, R. (Org.) Cadernos de Estudos Avançados em Design – História. Barbacena: Universidade do Estado de Minas Gerais.
- Pollock, G. (1988) Vision and Difference: Feminism, Femninity and Histories od Art. Editora: Routledge.

Abstract: Contemporary design dialogues with emerging themes that gain relevance in our society, incorporating political and social attitudes. Feminism being one of these themes. As for the debate and reflection of feminist agendas in the area, it can be seen that the theory up to now has been stuck in some points that have proved inefficient, highlighting the need for new approaches in this discussion. Thus, the article presents a review of the existing literature on design and feminism. As well as recommendations for new approaches, one of which is design education.

Keywords: Design - Contemporary Design - Feminism - Female protagonism - Teaching Education.

Resumen: El diseño contemporáneo dialoga con temas emergentes que adquieren relevancia en nuestra sociedad, incorporando actitudes políticas y sociales. Siendo el feminismo uno de estos temas. En cuanto al debate y la reflexión de las agendas feministas en la materia, se puede observar que la teoría hasta ahora se ha quedado atascada en algunos puntos que han demostrado ser ineficientes, lo que pone de manifiesto la necesidad de nuevos enfoques en este debate. Así, el artículo presenta una revisión de la literatura existente sobre diseño y feminismo. Así como recomendaciones para nuevos enfoques, uno de los cuales es la educación sobre diseño.

Palabras clave: Diseño - Diseño contemporáneo - Feminismo - Protagonismo femenino - Docencia en diseño.

(*) Raquel Romano: é Bacharel em Design de Produto pela FAAC/UNESP e mestranda no PPG Design da FAAC, UNESP. Atua no Grupo de Pesquisa em Design Contemporâneo: sistemas, objetos e cultura, realizando a pesquisa de mestrado com ênfase no estudo de Design Contemporâneo e Feminismo e do protagonismo feminino no design brasileiro. **Mônica Moura:** é Bacharel em Artes Visuais e Licenciada em Arte-Educação, Mestre e Doutora em Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica, desenvolveu estudos pós-doutorais sobre

Design Contemporâneo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012) e realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Minho, Guimarães, Portugal (2016). Atua como designer, professora e pesquisadora. É Professora Doutora do Departamento de Design e orientadora credenciada de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Design, FAAC/UNESP, Campus de Bauru, onde também atua como Coordenadora do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino em Design Contemporâneo (LabDesign). É

líder do Grupo de Pesquisa em Design Contemporâneo: sistemas, objetos e cultura (CNPq/UNESP). Realiza pesquisas nessas áreas, atuando principalmente com os seguintes temas: Design Contemporâneo; Memória, História e Autoria na Contemporaneidade; Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade; Teoria e Crítica do Design; Ações Políticas e Sociais no Design (Política, Ativismo, Feminismo, Inclusão, Inovação Social, Sustentabilidade).

Faz Design: aplicando ferramentas do design para solucionar questões cotidianas.

Actas de Diseño (2021, julio),
Vol. 37, pp. 355-357. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2020
Fecha de aceptación: febrero 2021
Versión final: diciembre 2021

Rebecca V. Bandeira Rodrigues de Souza (*)

Resumo: Faz design é uma atividade desenvolvida na disciplina de teoria e história do design, do curso de design de interiores do Centro Universitário da Paraíba – UNIESP. A atividade objetiva levar os discentes à uma reflexão acerca da relação entre teoria e prática do design, conduzindo-os pelo caminho da observação de problemas cotidianos, que afetam a comunidade em que estão inseridos, a partir da aplicação dos conceitos de empatia, imersão e ideação, utilizados nos processos de Design *Thinking*. Os resultados apontam que o exercício proporcionou engajamento no processo de projetos e desdobrou-se na promoção de raciocínio crítico sobre as práticas do design.

Palavras chave: Experiência - Design - Ensino.

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 357]

Contexto

O curso de design de interiores do UNIESP oferece formação a nível tecnológico e tem a duração de dois anos (quatro semestres). É um período curto, no qual os discentes trabalham exaustivamente na prática da atividade projetiva para desenvolvimento das competências e habilidades necessárias a sua formação. A atividade aqui apresentada é aplicada no terceiro semestre, como ação final da disciplina de teoria e história do design, com a proposta de transpor os conteúdos apreendidos para uma conjuntura diferente da qual alunas e alunos estão habituados.

O breve contexto aqui apresentado, foi o pano de fundo para a aplicação da atividade no semestre 2019.2, este ensaio, por sua vez, objetiva apresentar o relato da segunda edição, realizada no semestre 2020.1. Durante o referido semestre, iniciou-se, no Brasil, a influência da pandemia causada pelo COVID-19, que acarretou na declaração de estado de calamidade pública nacional. A partir de decisão tomada pelo Ministério da Educação, foi publicada em 17 de março a autorização para substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais (Portaria MEC nº 343). Este cenário formou-se uma semana antes

do início da atividade proposta neste relato, surgiu então a necessidade de reformulação do modelo aplicado no semestre anterior, para o alcance dos objetivos, afetando diretamente em sua estrutura.

Considerou-se, portanto, aspectos como a adaptação que os discentes passariam neste período, sendo elas: mudança de rotina; alteração do ambiente de estudos (agora ocorrendo na residência dos alunos e alunas, por vezes não preparada para este uso); inclusão de uso de plataforma digital; e ainda os possíveis impactos emocionais ocasionados. A promoção de engajamento com a atividade tornou-se ainda mais desafiadora para o processo de ensino e aprendizagem.

Estrutura da atividade e ferramentas utilizadas

A atividade intitulada “FazDesign”, consiste num exercício de aplicação dos conceitos de empatia, imersão e ideação para solução de questões que estão fora do contexto da projeção de ambientes. A estrutura foi pensada a partir do traçado dos seguintes objetivos: Exercitar a criatividade